Terra Brasilis (Nova Série)
Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

7 | 2016
Élisée Reclus e a Geografia dos Novos Mundos

Élisée Reclus e a Guerra do Paraguai

Elisée Reclus et la guerre du Paraguay
Élisée Reclus y la Guerra del Paraguay
Élisée Reclus and the Paraguay War

Hervé Théry e Sébastien Velut

Editora:
Laboratório de Geografia Política - Universidade de São Paulo, Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Edição electrónica
URL: http://terrabrasilis.revues.org/1908
DOI: 10.4000/terrabrasilis.1908
ISSN: 2316-7793

Refêrencia eletrónica
Hervé Théry e Sébastien Velut, « Élisée Reclus e a Guerra do Paraguai », *Terra Brasilis (Nova Série)* [Online], 7 | 2016, posto online no dia 09 Dezembro 2016, consultado o 03 Fevereiro 2017. URL : http://terrabrasilis.revues.org/1908 ; DOI : 10.4000/terrabrasilis.1908

Este documento foi criado de forma automática no dia 3 Fevereiro 2017.

© Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Élisée Reclus e a Guerra do Paraguai

Elisée Reclus et la guerre du Paraguay
Élisée Reclus y la Guerra del Paraguay
Élisée Reclus and the Paraguay War

Hervé Théry e Sébastien Velut

Os autores agradecem Leonor Bertone pela revisão da tradução.

1 Uma das marcas da atenção que Élisée Reclus deu, durante toda deu a sua vida, à América do Sul é o artigo que ele publicou na *Revue des Deux Mondes,*15 de dezembro de 1867, intitulado "Guerra do Paraguai".

2 Quando Élisée Reclus escreveu este artigo, a situação militar desta guerra, que opôs Paraguai à "Tríplice Aliança" (Argentina, Brasil, Uruguai) estava bloqueada e ele explica aos leitores franceses a situação estranha na qual se encontravam os beligerantes. Ele analisa as dissensões na Tríplice Aliança, a força do Paraguai e a fraqueza do Brasil. Ao reler o texto fica claro a posição de Reclus que vê no Paraguai uma espécie de reencarnação da França revolucionária em guerra contra a totalidade a Europa dos reis. Ele vê no Brasil um espelho tropical do Império de Napoleão III, que o condenou ao exílio, sendo este um prisma que enviesa um tanto a sua análise. Todavia, seria obviamente injusto e ridículo criticar Reclus por conta de erros em suas previsões sobre o desfecho da guerra, que era então muito incerto, quando – ao contrário – pode-se admirar e ressaltar a precisão de suas análises geopolíticas sobre a situação das potências envolvidas.

3 Na introdução do artigo tem-se logo uma excelente análise da situação, embora Reclus esclareça que tenha apenas "a informação que dão sobre o Paraguai nos jornais deste país e de poucos estrangeiros que conseguiram cruzar as linhas militares" (pp. 955-956). Deixa claramente ver aonde vão as suas simpatias, em favor do Paraguai e contra "o império escravagista" do Brasil, para o qual ele previu dificuldades financeiras e crise política:

4 “Há mais de um ano, estávamos falando aqui da guerra sem fim que desencadeou o arrogante ultimato mandado pelo Brasil ao Governo de Montevidéu no dia 18 de maio de 1864[1]. Desde a terrível batalha de Tuyuti, a mais letífera de todas aquelas que derramaram sangue no solo da América do Sul, a situação dos beligerantes não se modificou e o grande Império brasileiro permanece impotente frente ao pequeno Paraguai, cuja população mal é igual à de dois departamentos franceses. Apesar dos boletins de vitória que o telégrafo nunca deixa de transmitir na chegada de navios transoceânicos, os imperiais e a os argentinos, seus aliados, apenas conquistaram pântanos onde eles estabeleceram o seu acampamento, ao passo que Lopez e os seus soldados não abandonaram o enorme território que arrancaram da província de Mato Grosso.

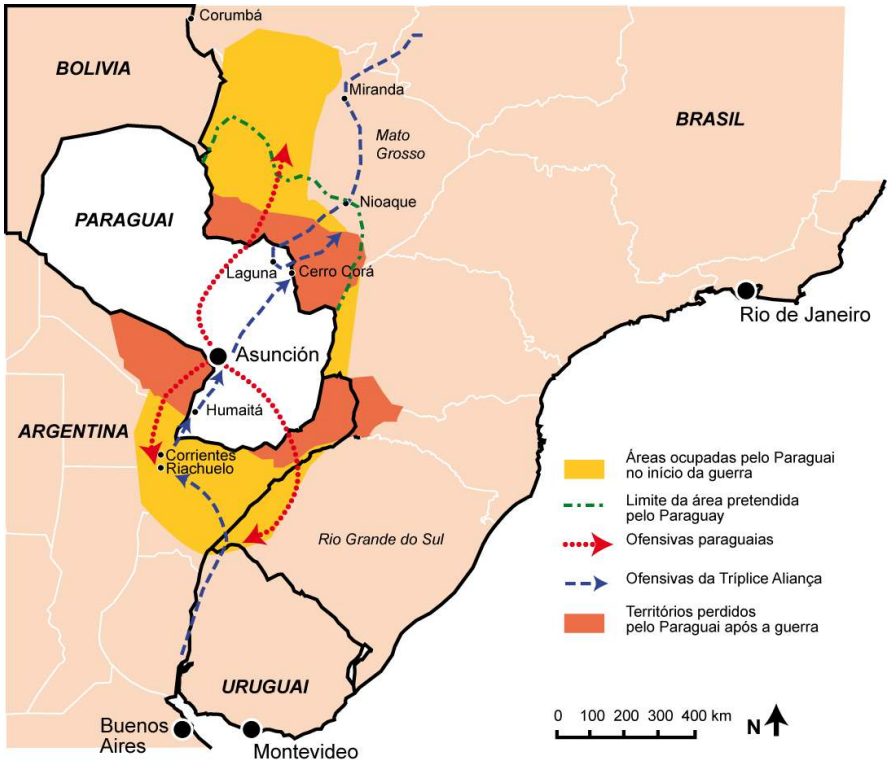
5 Em vão o Brasil obstina-se contra a pequena república; já perdeu mais de 40 000 homens e foi forçado a armar escravos; ele gastou mais de 600 milhões de francos e agora deve recorrer ao expediente fatal do papel-moeda; depois de quarenta anos de aparente prosperidade, o jovem império que se deu o nome de gigante da América do Sul está entrando em um período de crise formidável e ameaçadora até para o futuro das suas instituições políticas e sociais. Sua existência como unidade nacional está em perigo, e não é impossível que, após a guerra atual, a restauração do equilíbrio nos estados do continente se faça à custa do império escravagista. Por isso, é importante estudar cuidadosamente e expor claramente os principais acontecimentos de uma guerra cujas consequências podem ser graves ” (pp. 934-935).

Uma situação militar travada

6 Quando Élisée Reclus escrevia a situação militar era estranha e provavelmente única: a frota de alto mar brasileira estava trancada em um trecho de rio, entre duas fortalezas paraguaias. Este foi o resultado – inesperado – do plano de batalha das forças da Tríplice Aliança, após o fracasso de sua ofensiva terrestre:

> “Depois que o Exército, parado nos pântanos do Tuyuti, tenha tentado, em vão, abrir à força um caminho para Assunção, foi a vez de a Esquadra tentar fazer o mesmo. Os três chefes dos aliados, Mitre, Flores e Polydoro se reuniram com o Almirante Tamandaré e decidiram que a frota teria que forçar a passagem do Paraguai para bombardear redutos do inimigo enquanto as tropas de desembarque dariam assalto” (p. 935).

Figura 1 Mapa das operações militares



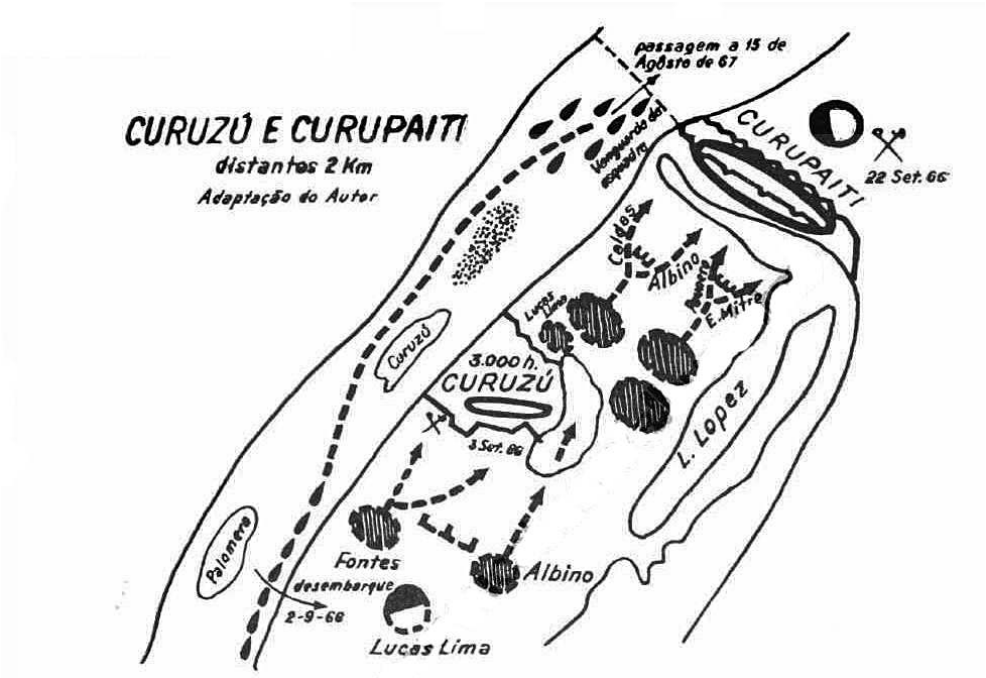
7 Para implementar este plano, os Aliados tinham tentado um desafio ousado:

> "Os aliados resolveram dar um golpe; mas a operação que planejaram se concluiu para eles pelo mais desastroso fracasso e mostrou-lhes o quanto eles erraram ao imaginar que os seus adversários estavam reduzidos à última extremidade" (p. 936-937).

8 No início, a tentativa de tomar os fortes de Curuzú e Curupaiti, nas margens do Paraná, foi um sucesso, mas foi, porém, dispendiosa em termos de perdas humanas:

> "Quando as colunas de atacantes, dizimadas por balas de fuzis e canhões, finalmente renunciaram a esta impossível tentativa, 6 000 mortos ou feridos, mais de um terço do exército, estavam espalhados no chão entre árvores caídas e galhos quebrados" (p. 937).

Figura 2 Batalhas de Curuzú e Curupaiti



Curuzú e Curupaiti, 1866. Paraguay de antes, Guerra del 70, http://www.meucat.com/main.php?LOJA=album&SCR=1280 http://www.meucat.com/main.php?LOJA=album&SCR=1280

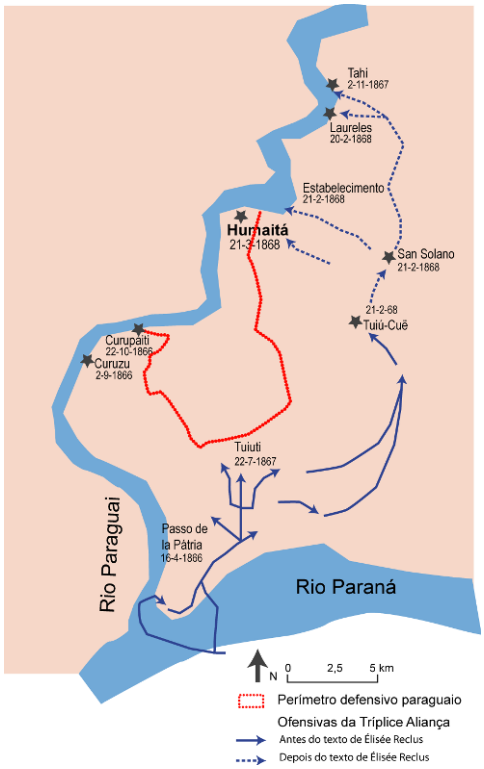
9 Mas foi pelo menos uma vitória naval? É o que disseram então - e ainda dizem - fontes brasileiras:

> "Foi um triunfo que o Brasil tinha acabado de conquistar? Parecia ser, à primeira vista, e da imprensa oficial do Rio de Janeiro se apressou de profetizar a queda da fortaleza do Paraguai e captura inevitável de Marechal Lopez" (p. 946).

10 Esta não é a opinião de Élisée Reclus, que vê em vez disso um impasse naval:

> "Não é só a passagem fluvial em Curupaiti que precisava ser forçada, eram os fortes de Humaitá que tinha que ultrapassar para entrar em águas abertas e tentar estabelecer a comunicação com o exército [...] Os navios blindados tinham sofrido muito estrago em sua primeira etapa para ousar iniciar a segunda, bem mais perigosa [...] Se a frota de navios de guerra do Brasil já tinha sofrido dos canhões de um simples forte como Curupaiti, como se pode acreditar que poderá passar com impunidade sob as armas em números desconhecidos da grande fortaleza de Humayta, transformada por vinte anos em passagem intransitável? Assim que o Almirante Ignazio reconheceu a loucura que seria tentar a passagem de Humayta, ele pensou, sem dúvida, em voltar à jusante de Curupaiti para se juntar ao resto da frota na boca do Paraguai, e ele recebeu do Rio de Janeiro a ordem de corrigir a qualquer preço sua primeira imprudência retornando o mais rapidamente possível ao ponto de ancoragem de Tres Bocas. Mas era tarde demais. Imediatamente após a passagem de navios blindados, o Marechal Lopez mandou bloqueá-los a à jusante para aprisioná-los entre duas fortalezas" (p. 947).

Figura 3 As operações navais e terrestres no rio Paraná



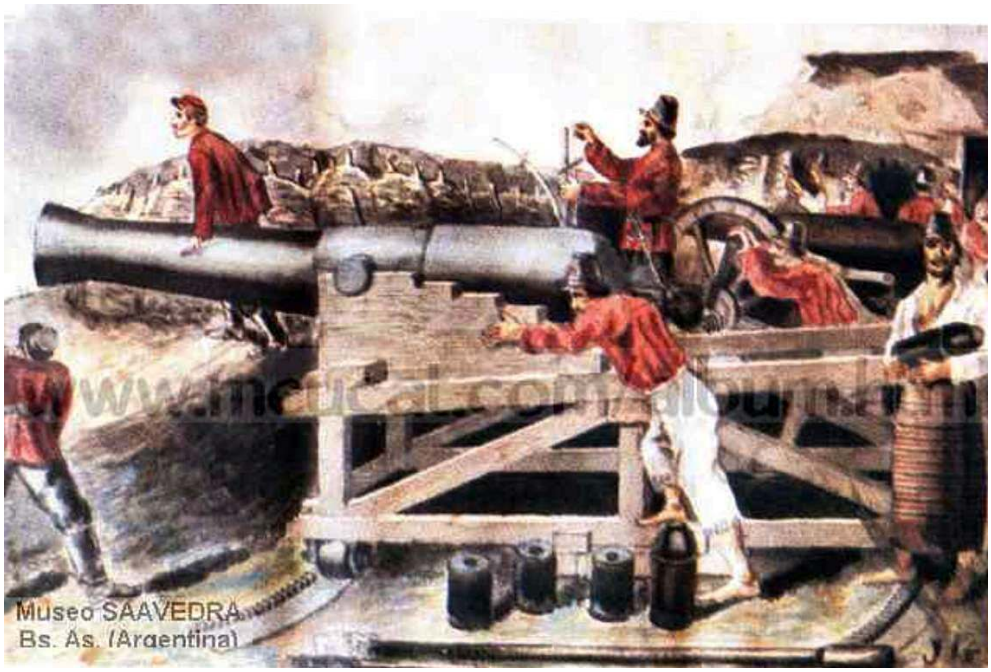
11 De acordo com esta análise, portanto, seria o Paraguai que teria ganho esta batalha por aprisionar a frota brasileira neste trecho do Paraná:

> "Diz-se que, após a passagem dos navios couraçados além de Curupaiti, o Marechal Lopez teria elogiado o seu exército por uma ordem do dia, 'Finalmente, exclamou-se, os nossos desejos são satisfeitos! A frota brasileira está presa. Há dois anos, no início da guerra, tentamos prender as naves inimigas entre Corrientes e as baterias de Cuevas, e agora eles vêm colocar-se entre as duas fortalezas de Humayta e Curupaiti' " (p. 948).

12 E Élisée Reclus se pergunta, parecendo se deliciar:

> "O que será desta frota, assim trancada em um impasse. Tentará passar a formidável linha de armas inimigas, correndo o risco de afundar inteira nesta viagem perigosa, ou será abandonada nesta posição insustentável por suas próprias tripulações? " (p.948).

Figura 4 Bateria paraguaia



Bateria paraguaya dirigida por los comandantes Autor: Jose Ignacio Garmendia - Museo Saavedra (Arg.). *Paraguay de antes, Guerra del 70*

13 Sua conclusão é, portanto e logicamente, uma situação de impasse militar, apesar da desproporção das forças:

> "Assim, no Norte como no Sul da pequena República, a luta, as batalhas, várias expedições, nada mudaram, durante os doze meses passados, nas posições dos beligerantes. O Paraguai foi capaz de manter suas fronteiras militares, e se permanece preso no lado do Atlântico, mantém ainda, pela Bolívia, suas comunicações livres com o mar do Sul" (p. 955).

14 As indicações "para o Norte como no Sul" e da saída pela Bolívia indicam algumas das novas especificidades desta guerra distante

Originalidade desta guerra

15 Observando as imagens da guerra, quadros e gravuras, mas também fotografias, então uma novidade, se percebe primeiro similaridades com outros conflitos contemporâneos, principalmente a Guerra de Secessão dos Estados Unidos (1861-1865). O traço mais óbvio são os uniformes, praticamente copiados ou talvez comprados nos estoques disponíveis com o fim da guerra (figura 5). Como os uniformes americanos tinham se inspirado de uniformes europeus aparecem no Paraguai roupas exóticas, como os chapéus dos bersaglieri italianos ou as amplas calças vermelhas dos zouaves das unidades norte-africanas do exército francês.

Figura 5 Uniformes brasileiros e os seus modelos da Guerra de Secessão estado-unidenses

http://www.historiadigital.org/curiosidades/20-curiosidades-sobre-a-guerra-do-paraguai/ et http://civil-war-uniforms.over-blog.com/

16 Esta guerra tinha, porém, outros aspectos específicos. O primeiro é que ela ocorreu muito longe das bases dos Aliados, porque depois da primeira tentativa dos paraguaios de levar a guerra em território brasileiro, as operações se restringiram rapidamente no seu território, e quando Reclus escreve "mais de 40.000 homens estavam acampados nas florestas e nos pântanos do Paraguai, a 3 000 quilômetros de navegação de Rio de Janeiro" (p. 942). Isso para quem tinha sido transportado por barco via o Rio de la Plata, as tropas brasileiras enviadas para abrir uma segunda frente no Norte tiveram mais dificuldade ainda para chegar no campo de batalha, a pé, e levaram um ano para chegar no local:

> "Depois de usar mais de um ano para terminar a sua caminhada atravessando as florestas cortadas por rios e pântanos que separa o planalto Atlântico da grande depressão central da América do Sul, uma pequena força de cerca de 2 000 homens, recrutados nas províncias de Goiás, São Paulo e Minas Gerais, tinha finalmente atingido em setembro 1866, a aldeia de Miranda, no rio de mesmo nome, um afluente do Alto Paraguai" (p. 953).

17 Embora as operações fossem concentradas principalmente no rio, a guerra ocorria, por conseguinte, em um vasto território, e o Paraguai, privado da sua principal via de acesso, estava usando um caminho tortuoso para obter suprimentos, pela Bolívia, "a estrada pavimentada pela primeira vez em 1865 entre Paraguai e Bolívia, via Corumbá e Santa Cruz de la Sierra, está cada vez mais frequentada por caravanas" (p. 956).

18 A guerra, nesta fase das operações, tinha se tornado principalmente uma questão de logística:

> “Então, a guerra continua, mais hedionda talvez que no passado. Não se trata mais de preparar grandes movimentos estratégicos e de lutar em batalhas campais: a luta que se trava na floresta, nos pântanos, ao longo dos córregos, não têm outro propósito do que cortar as linhas de abastecimento e capturar os comboios. Um rebanho de gado assustados, uma fileira de carrinhos cheios de milho ou farinha, são o preço de cada escaramuça, de cada chacina: dois exércitos estão lutando mais por comida do que para a glória ” (p 951).

19 Juntamente com a história das batalhas, Reclus, portanto, tem o cuidado de descrever uma guerra de logística, menos gloriosa, mas crucial para o futuro, e não esconde os piores aspectos do conflito, como o sofrimento dos feridos e dos doentes.

Os horrores da guerra

20 Como na maioria das guerras empreendidas até então – ai incluindo as guerras de Napoleão na Europa – muitas das mortes não eram causadas pelos combates, mas pelas doenças que atacavam os soldados acampados em precárias condições de higiene:

> “Logo depois veio o flagelo da cólera, o que reduziu o número de soldados muito mais do que tinha a partida dos soldados vindos de Buenos Ayres. A insalubridade natural das zonas húmidas tinha piorado como resultado da negligência das tropas e sua ignorância absoluta das regras de higiene ” (p. 938).

21 De fato, as consequências da epidemia foram, sem dúvida, exacerbadas pela negligência dos Aliados, que não tomavam as precauções que, por exemplo, os exércitos europeus tiveram de aprender depois de muitos desastres sanitários. Mais uma vez a inexperiência dos beligerantes tem um aspecto positivo, porque mostra que o continente teve menos guerras do que o Velho Mundo – se pagava caro:

> “Todas as poças de água estagnantes foram transformadas em esgotos imundos, milhares de cadáveres humanos insepultos entraram em decomposição no chão, mais de cem mil carcaças misturadas com a carne podre de animais abatidos tornavam a atmosfera irrespirável, como o admitiu o relatório oficial do Ministro Paranaguá. Mais de um terço do exército acampado em Tuyuti foi atingido pela praga; 7500 pacientes encontravam-se nos três hospitais de Cerrito, ltapirú e Corrientes, a mortalidade atingiu proporções tais que metade dos pacientes morreram ” (p. 939).

22 Esta epidemia contribuiu para o isolamento dos combatentes e, certamente, para a impopularidade da guerra, novamente por descuido das autoridades militares:

> “No final de setembro, quando a estação quente tinha começado na região do Paraguai, a cólera novamente fez a sua aparição no campo brasileiro, e as populações de Buenos Aires e de várias outras cidades argentinas tiveram que impor quarentena rigorosa a todos os navios vindos do porto de Itapirú. Além disso, deve-se dizer, as precauções mais básicas são negligenciadas pelos inspetores do acampamento, e em alguns casos, os próprios oficiais parecem querer aumentar as causas da insalubridade ” (pp. 944 -945).

23 A menção de hospitais de campanha mostra que um esforço tinha sido feito, mas devemos lembrar que, até na Europa foi apenas após a Guerra da Criméia (1853-1856), graças à ação

determinada de Florença Nightingale, que foram organizados serviços médicos um pouco mais eficientes. Mesmo para os feridos que escapavam da cólera, a falta de medicamentos eficazes (sulfamidas foram disponíveis apenas durante a Segunda Guerra Mundial e antibióticos depois dela) era a causa principal dessa terrível mortalidade, junto com a ignorância da medicina sobre a importância da assepsia. A assistência aos feridos se resumia praticamente a amputar membros esmagados por balas ou fragmentos de bombas, a aplicar curativos nas feridas, esperando que a gangrena não se alojasse nelas.

Figura 6 Atendimento aos feridos

El practicante Carlos Faba, del cuerpo médico, atiende a los oficiales de la legión militar Sebastián Casares y Julio Muzzio, heridos en combate.

La Guerra del Paraguay p.96/6 - Miguel Angel de Marco - Editorial Planeta Argentina SAIC 1998). Paraguay de antes, Guerra del 70, http://www.meucat.com/main.php?LOJA=album&SCR=1280

24 Outro fator agravou o sofrimento dos soldados aliados pois os paraguaios incapazes de expulsá-los de seus territórios praticaram uma política de terra arrasada:

> "Quanto ao país, ele não oferece nenhum recurso, tudo foi devastado pelos próprios paraguaios, que derrubaram até palhoças, demoliram até capelas de aldeias; todo o território que se estende ao sul do Rio-Tebicuari virou uma vasta solidão" (p. 953).

25 E, claro, eles também recorreram ao recurso clássico dos povos cujo território é invadido, a guerrilha, para usar o termo usado desde a Guerra Civil Espanhola, onde outro povo hispânico infernizou a vida das tropas de um império vizinho. Reclus observa claramente o fenômeno, provavelmente lembrando o precedente das Guerras da Vendée, onde cercas vivas e estradas tortuosas foram usadas para frear o avanço do inimigo.

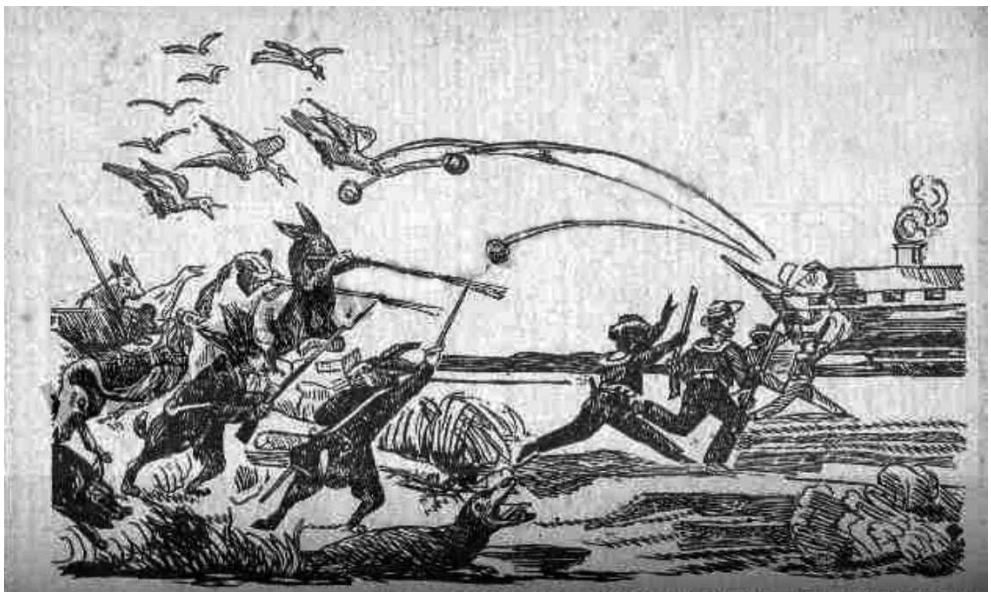
> "Geralmente são os paraguaios que têm o privilégio do ataque, graças ao seu conhecimento do país e à série de escarpas e valas de onde podem saltar inesperadamente nas colunas em marcha" (p. 951).

26 Ele observa, porém, que outros inimigos podem aparecer:

> "Os paraguaios não são os únicos inimigos a temer, saqueadores dos dois exércitos, escondido no mato, podem estar à espera de comboios que passam para roubar gado errante e saquear carroças atoladas" (p. 952).

27 Uma caricatura paraguaia, da época, leva ainda mais longe a lógica da resistência ao afirmar que os brasileiros pensavam que "não é de estranhar que os paraguaios nos batam, uma vez que até os animais selvagens declararam guerra à nossa bonita esquadra" (Figura 7).

Figura 7 Até os animais selvagens resistem



El Centinela - 20 de Junio 1867 - No es estraño que los Paraguayos nos den carrera de baqueta, pues tambien los animales selvaticos han declarado la guerra á nuestra bien ponderada escuadra.
Paraguay de antes, Guerra del 70, http://www.meucat.com/main.php?LOJA=album&SCR=1280

Dissensões na Tríplice Aliança

28 As dificuldades dos Aliados, de acordo com Reclus, não se resumiam aos assuntos militares, às análises sobre as operações e sobre seus fundos estratégicos, ele detecta também falhas significativas na Aliança, começando pelos conflitos militares. Algumas delas estavam relacionadas com as rivalidades inerentes a qualquer coalizão, e a história está cheia, e ainda hoje, de exemplos neste campo, desde as guerras da Grécia antiga até as do Afeganistão:

> "O exército brasileiro recebeu de mau grado o chefe estrangeiro, e de todos os lados foram ouvidas queixas contra o intruso que, sem contribuir para os custos da guerra, pretendia recolher glória. Oficiais deram a sua demissão para não jurar obediência ao presidente argentino" (p. 944).

29 Os problemas, no entanto, foram piores do que o habitual, uma vez que "Qualquer ação conjunta entre os líderes aliados se tinha tornado impossível: a frota se recusou a cooperar com as forças terrestres; imperiais e argentinos se rejeitavam mutuamente a

culpa de cada desastre" (p. 938). As tensões foram naturalmente agravadas pelos reveses sofridos pelos Aliados, com graves consequências políticas:

> "O fracasso era grave; mas as recriminações, disputas, ódios aos quais deram luz entre os líderes aliados foram muito mais graves em termos militares. O General Flores, insatisfeito com o papel secundário atribuído a ele pelos líderes aliados, deixou abruptamente o exército e voltou para Montevidéu, para consolar-se, pelo exercício da ditadura, de todas as decepções ressentidas" (p. 938).

30 Essas falhas foram bem exploradas pelo Presidente do Paraguai, que tentou, sem sucesso, usar a solidariedade das repúblicas de língua espanhola, em uma reunião com o general argentino:

> "A partir de várias informações obtidas sobre a conversa entre os dois generais comandantes, parece que Lopez queria principalmente demonstrar o quanto era deplorável e desastrosa para a república de Buenos Ayres esta aliança com o império escravista do Brasil contra uma república irmã que têm a mesma origem, a mesma história, os mesmos interesses. Ele falou sobre o escândalo que esta aliança causou em todo o Novo Mundo, e lembrou o protesto solene que o Peru tinha acabado de lançar, em nome da maioria das repúblicas hispano-americanas. Além disso, ele declarou-se disposto a fazer aos argentinos todas as concessões consistentes com a honra do Paraguai, desde que a aliança com o Brasil seja rompida. A esse preço, ele comprometeu-se a ser o campeão de toda a América espanhola e a triunfar sozinho do inimigo hereditário. Sem dúvida, o General Mitre deve ter entendido essa verdade tão fácil de apreender, que ao se aliar para uma guerra de conquista com o Império brasileiro, ele havia traído os interesses de todas as repúblicas americanas" (p. 936).

31 Um dos elementos de tensão apontados por Élisée Reclus é que os argentinos e uruguaios eram, ao contrário dos brasileiros, beneficiários da guerra:

> "Aos poucos, a Argentina tornou-se mera espectadora do drama terrível cujos custos recaem sobre o Brasil e o Paraguai. Ao mesmo tempo, eles são os intermediários comerciais de grande movimento de homens e bens que ocorre entre Rio de Janeiro e o acampamento de Tuyucué. É em Montevidéu, Buenos Ayres e nas cidades ribeirinhas do Paraná que se gastam os milhões oriundos da tesouraria do Brasil; enquanto os impostos são dobrados e a moeda de papel substitui o ouro no Império empobrecido, as duas repúblicas recolhem todas as riquezas esbanjadas pelo seu poderoso vizinho para satisfazer a sua ambição de conquista" (p. 960).

32 Essas tensões não afloraram durante a guerra e Reclus observou que "apesar do ódio entre os dois povos e dos rancores surdos que se acumulam entre os dois governos de Rio de Janeiro e de Buenos Ayres o Tratado de Aliança permanece", mas ele prevê que poderiam ressurgir ou até mesmo levar à guerra (951 p.):

> "Este tratado desastroso que associou duas repúblicas ao Império para a conquista da outra república só conseguiu confundir os aliados e prepará-los para a luta futura; já se questiona se os brasileiros, por conta do ressentimento causado por seu fracasso contra Humayta, não se virarão contra Buenos Ayres. Assim, a guerra iria sair da guerra; como no drama antigo, o crime nasce do crime" (p. 964).

33 Este não foi o caso, pelo menos não abertamente, mas Reclus não hesita em falar de "ódio", e observou que a opinião expressa nos jornais era menos favorável para a Aliança que os governos:

> "O gabinete de São Cristovão [o governo brasileiro] não ignora que o ódio tradicional dos Platenses contra seus vizinhos de origem portuguesa aumentou durante a guerra, ele sabe que a imprensa quase inteira faz votos de sucesso para os 'irmãos' paraguaios" (p. 964).

34 Afloram aqui os medos recorrentes de países de língua espanhola frente ao imperialismo brasileiro ...

Figura 8 Realidades da Aliança

El Centinela - 24 de Octubre 1867. Paraguay de antes, Guerra del 70, http://www.meucat.com/main.php?LOJA=album&SCR=1280

Força do Paraguai

35 Em comparação com as dissensões dos Aliados, o Paraguai – de acordo com Élisée Reclus - está, ao invés, em uma situação bastante confortável, que lhe permite encarar o futuro com otimismo "desde que o exército da república tenha alimentos, roupas e armas, ele pode resistir indefinidamente a todas as forças do Brasil, porque recebe ordenado e não requer nenhum" (p. 957).

36 Em termos de armas o país não tem preocupações, uma vez que as produz em abundância, graças à sua mobilização e à ajuda de técnicos estrangeiros:

> "Quanto à fundição de ferro em Ibicuy e ao arsenal de Assunção, os operários estão trabalhando dia e noite sob a direção de engenheiros ingleses para fundir e estriar as armas de fogo, fabricar balas, cartuchos e pólvora porque esta é da atividade incessante destas instituições da qual depende a própria independência da nação" (p. 956).

37 A mobilização geral não afeta apenas os homens, as mulheres também desempenham um papel crucial, alimentar a população:

> "Na ausência dos homens, são as mulheres que cultivam o solo e graças ao seu empenho em combinar todos os seus trabalhos para a salvação pública, a nação paraguaia nunca teve que temer fome durante a longa guerra, neste ano especialmente as milho, mandioca, hortaliças e forragem, foram produzidos em grande abundância" (p.956).

Figura 9 As mulheres na guerra

Batalla de Pirebebuy, http://www.taringa.net/posts/ciencia-educacion/9331696/La-venganza-asesina-ardio-en-el-Hospital-de-Sangre.html

38 O seu papel, no entanto, não se limita a comida, elas também galvanizam o entusiasmo dos combatentes:

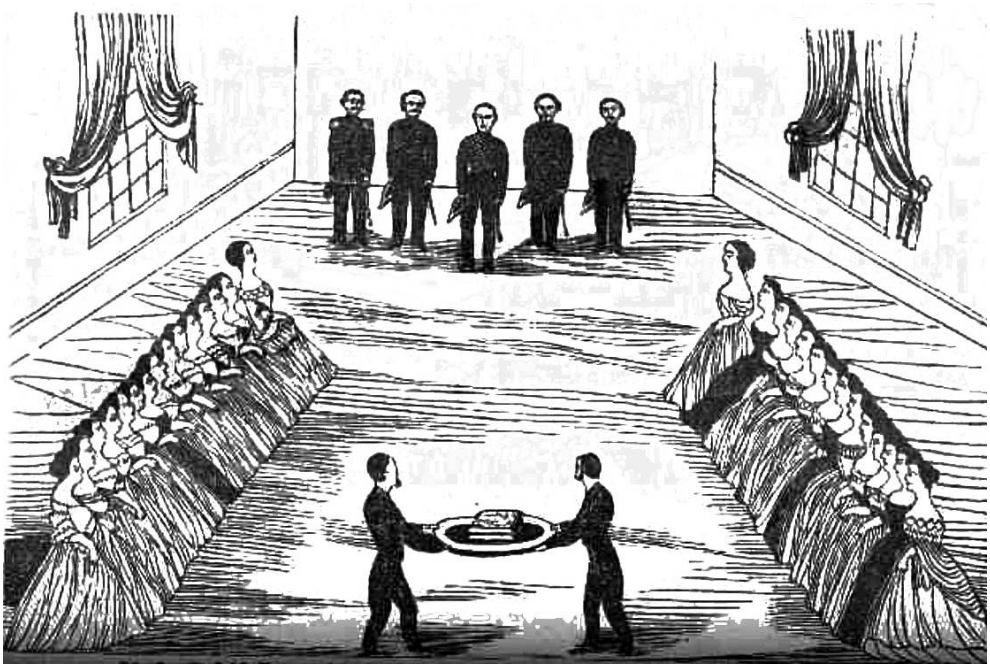
> "Nesta generosa rivalidade, são as mulheres que se destacam: elas coroam de flores os jovens que vão se juntar ao acampamento, e não entram em luto para aqueles que caem no campo de batalha, até pedem para pegar em armas" (p. 957).

39 Levado por seu entusiasmo pela causa do Paraguai, Reclus chega a exaltar a ação das damas da alta sociedade (o que pode surpreender o leitor a um sorriso, para um anarquista elas não são entre os seus grupos sociais favoritos) e a nobre resposta do Marechal López, outro herói improvável:

> "Tendo coletado muitos brincos e broches, as damas ofereceram solenemente a sua oferta para o vice-presidente da República. No entanto, o Marechal Lopez não aceitou este magnífico presente, e em uma carta datada do quartel general e cheio de elogios para o 'sexo frágil', ele afirmou que o

> Paraguai era rico o suficiente para que as mulheres ainda não tivessem que renunciar a suas joias" (p. 957).

FIGURA 10 AS MULHERES DA ALTA SOCIEDADE OFERECEM AS SUAS JOIAS



En ofrenda del bello sexo del Paraguay de todas sus joyas y alhajas para la defensa de la Patria. Asunción, 8 de Setiembre de 1867.

El Centinela - 12 de Setiembre 1867, Paraguay de antes, Guerra del 70, http://www.meucat.com/main.php?LOJA=album&SCR=1280

A memória da Revolução Francesa

40 Esta indulgência para com o Paraguai tem provavelmente a sua fonte – é a nossa hipótese – na assimilação que Élisée Reclus faz provavelmente entre o Paraguai e a França revolucionária, atacada por todos os poderes do Antigo Regime que a rodeavam e que não somente resistiu aos seus ataques, mas levou a guerra aos seus territórios e derrubou muitos reis e príncipes. Sente-se que ele sonha que a República do Paraguai possa fazer o mesmo com o Império do Brasil... A assimilação começa com uma observação sobre o "entusiasmo nacional" que deve animar o Paraguai, que "prova" que ele não é uma ditadura:

> "Não só o Paraguai tem os meios materiais para continuar a guerra contra os invasores brasileiros, mas ele também tem entusiasmo nacional, sem o qual nada grande pode ser realizado. A maravilhosa unanimidade e a constância inabalável que o povo mostrou nesta luta que já lhe custou tanto sangue, não podem ser controlados por um déspota, eles devem ser o produto mais puro da vida nacional" (p. 957).

41 O paralelo continua com a menção ao "bloqueio", que faz parte do vocabulário usado para referir-se à França submetida ao "bloqueio continental" imposto pela Marinha britânica e que, como Paraguai, teve que encontrar nos recursos do seu solo o que ela não podia mais importar (incluindo a açúcar de beterraba, em substituição da cana-de-açúcar das Índias

Ocidentais: “Além disso, o bloqueio no Paraná obrigou o Paraguai a gerar novas indústrias” (p 956).

42 Aqui é difícil não pensar no precedente francês do “levante em massa” da Revolução, que chamou os cidadãos às armas, e os enviou em batalhões formados para a fronteira. Neste caso, em agosto 1792 um exército de 150 000 prussianos e também de austríacos tinham entrado na França, sendo o início das operações militares catastrófico, pois o inimigo tomou Longwy e Verdun, abrindo a estrada para Paris. Mas as tropas francesas vieram de Sedan e Metz, fizeram a sua junção na Champagne e, no dia 20 de setembro, pararam a invasão estrangeira no planalto de Valmy, que ficou como o símbolo da força da Revolução.

Figura 11 Batalha de Valmy, 20 de setembro 1792, por Horace Vernet

http://www.histoire-image.org/pleincadre/index.php?i=1058

43 Esta guerra deixou uma marca duradoura na memória nacional francesa graças às canções patrióticas dos voluntários do Exército no Reno (o simétrico fluvial do Paraná), que cantavam no batalhão vindo de Marselha e que se tornou o hino nacional francês, a Marselhesa.

44 Desse entusiasmo positivo é muito fácil passar à antipatia que os paraguaios tinham pelos brasileiros, vistos como o inimigo hereditário:

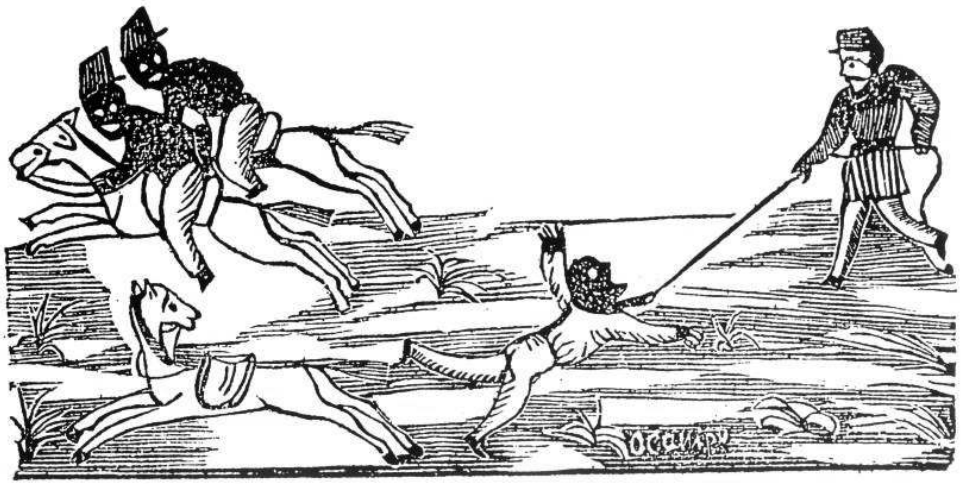
> “Os Hispano-Guarani não querem de jeito nenhum ser escravizados pela raça portuguesa que combateram durante três séculos, e que agora tenta fazer conquistar seu território por escravos; eles preferem sacrificar suas riquezas e suas vidas, e é por isso que, mesmo começando a entender seus direitos como cidadãos, eles observam uma disciplina tão rigorosa, toda a nação tornou-se voluntariamente um exército” (p. 957).

45 A menção da “raça Português” lembra a do “sangue impuro” dos invasores na Marselhesa. Este tipo de deslize ocorreu também no Paraguai, cercado por inimigos poderosos como evidenciado pelas figuras 11 e 12 mas provavelmente Reclus nem era ciente deles.

Figura 12 Os três macacos, o Imperador, Tamandaré e Polidoro

El Centinela, 1867, Paraguay de antes, Guerra del 70 http://www.meucat.com/main.php?LOJA=album&SCR=1280

Figura 13 Como caçar os Negros



Así se cazan los negros *Cabichuí* n°34, 1867

Fraqueza do Brasil

46 Élisée Reclus, implicitamente compara o Paraguai com a França revolucionária, e faz uma ilação ao comparar o Império brasileiro ao Segundo Império Francês, ao qual ele tem boas razões de odiar uma vez que ele foi exilado por ter se rebelado, como muitos republicanos, contra o golpe de Estado de Luís Napoleão Bonaparte, em dezembro de 1851. Depois de ficar por um tempo em Londres e na Irlanda viveu na Louisiana e na Nova Granada (hoje Colômbia) antes de retornar a Paris, enfraquecido por febres tropicais.

47 Essa hostilidade ao regime aparece ao longo do texto, primeiro pelo fato de que ele chama, na maioria das vezes, o Brasil como "o Império" (a palavra é repetida uma dúzia de vezes, geralmente ligada a adjetivos depreciativos "escravagista", "empobrecido"), raramente elogiosos ("grande", "poderoso" – mas muitas vezes para enfatizar a desproporção com o Paraguai – e raramente neutros ("jovem"). Da mesma forma os

brasileiros se tornam “os Imperiais”, a guerra foi desencadeada por seu “ultimato arrogante”, etc. Reclus opina “Deve-se os olhos para a evidência e reconhecer que o primeiro a cansar desta guerra sem fim foi o poderoso império e não a imperceptível república” (p. 950) e “o peso da guerra cai quase inteiramente sobre o Brasil, não é de estranhar que já mostre sinais de uma grande fadiga” (p. 961).

Figura 14 Soldados brasileiros ajoelham-se ante a estátua de Nossa Senhora da Conceição

PROCISSÃO EM 30 DE MAIO DE 1868, AUTOR DESCONHECIDO

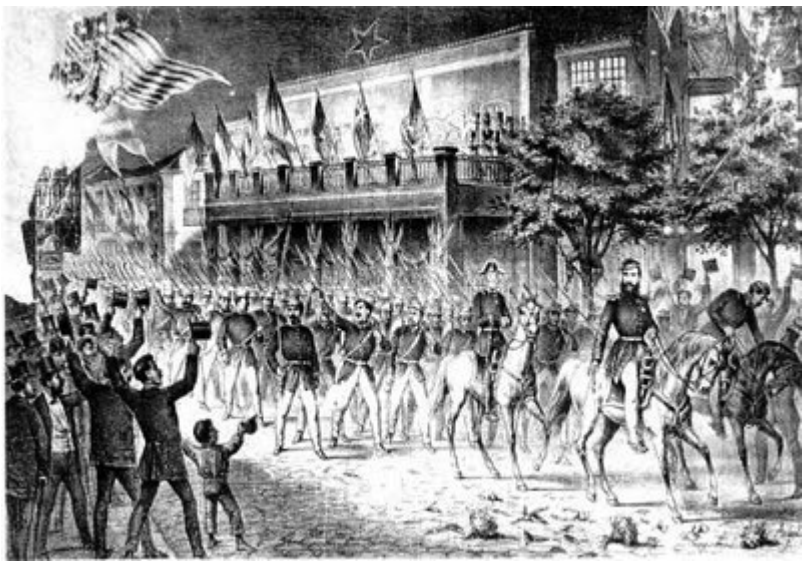
Salles, Ricardo. Guerra do Paraguai: memórias & imagens. Rio de Janeiro, Edições Biblioteca Nacional, 2003 (p.117), http://olapaazul.com/tag/hino-nacional/

48 Para explicar essa fadiga, o peso da guerra que ameaça o Império, ele sugere várias razões. Em primeiro lugar, o fraco apoio da população brasileira naquela guerra distante

> “Em outras partes do Brasil, a uma distância de vários milhares de quilômetros da República do Paraguai, as pessoas não sentem para a conquista distante do forte de Humayta a raiva militar que leva a sacrificar alegremente sua vida” (p . 961).

49 Na verdade, a guerra despertou interesse apenas no início, quando se alistaram em massa os “ Voluntários da Pátria” (um nome que foi dado àruas em todo o Brasil), e no final, para os desfiles da vitória.

FIGURA 15 DESFILE DA VITÓRIA, MARÇO DE 1870



DESFILE MILITAR EM 1° DE MARÇO DE 1870, DEPOIS DA VITÓRIA SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI, ÂNGELO AGOSTINI.

BOLSA DO RIO XXI, 2000

50 A segunda razão é financeira, a guerra custa muito caro e ameaça seriamente as finanças do país:

> "A longa luta não só tornou o recrutamento muito difícil, ele também quase esgotou os recursos do país e jogou o governo no mais cruel embaraço financeiro. Os empréstimos, no exterior ou no próprio país, tendo-se tornado completamente impossível, é agora necessário emitir papel-moeda em grande quantidade [..] e do Império do Brasil, com seus 8 milhões de habitantes livres, usa para seu comércio quase meio bilhão de notas e promissórias garantidas por um Tesouro vazio. Em todo o mundo, não há um único país que tenha uma percentagem tão elevada de dinheiro de papel, e ainda assim este é apenas um começo. A temida avalanche de papel-moeda vai continuar a crescer até que a Nação esteja completamente arruinada" (p. 961).

51 Mas o principal problema não é esse, mas o recrutamento forçado que teve de ser utilizado para compensar o declínio do número de voluntários desde que a guerra se arrastava:

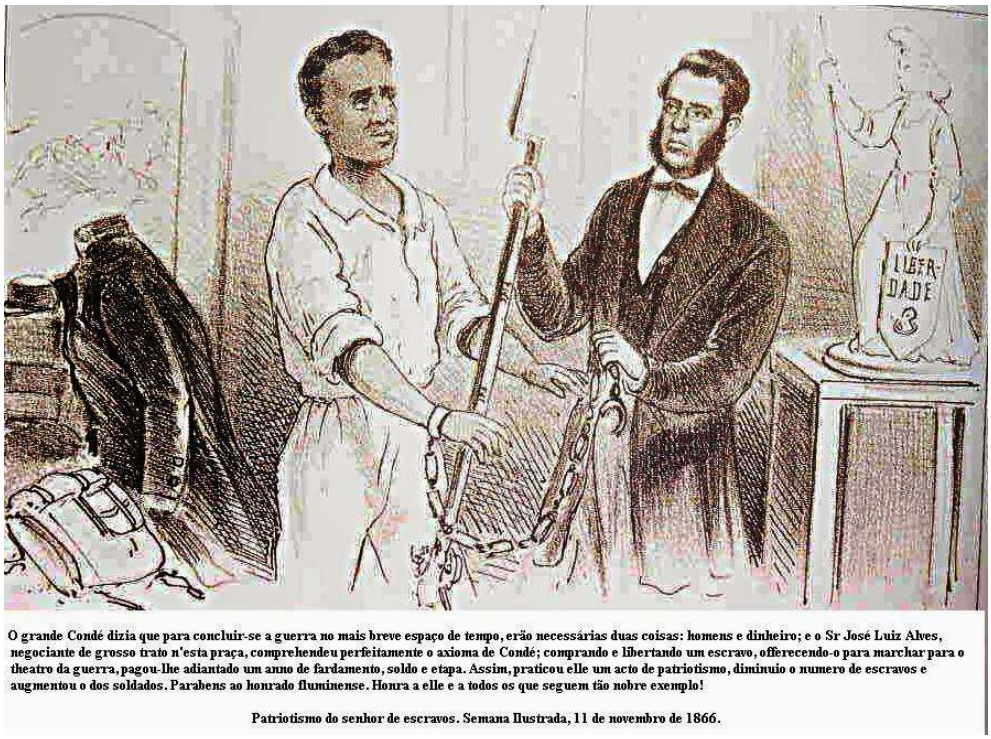
> "Não é um recrutamento regular, deve-se usar uma verdadeira 'caça ao home' para encontrar a quantidade de 'carne para canhão' necessária para a dignidade do Império. Os membros da Guarda Nacional designados para ir à guerra que não obedeceram imediatamente ao convite dos governadores provinciais foram caçados na floresta, acorrentados e levados para o porto de embarque como criminosos. Os vagabundos, bêbados errantes, estrangeiros ou nacionais, proletários brancos ou pretos que não tinham protetores bem colocados foram capturados e lançados nas prisões que serviam de casernas para os novos recrutas" (p. 940).

52 Pior, era necessário incorporar os escravos no exército para reconstituir os batalhões após as batalhas sangrentas do início da campanha:

> "Os escravos tinham de preencher as lacunas que não preencheram os voluntários. No dia 26 de abril de 1867, de acordo com o relatório do Ministro

> Paranaguá, 1 710 escravos foram enviados para os oficiais de recrutamento. É verdade que para fazé-los apreciar a glória de ser morto no Paraguai, lhes era concedido o título de Brasileiros e da liberdade de suas mulheres; mas a lei não tinha libertado os seus filhos" (p. 940).

Figura 16 Liberação de escravos para a guerra



O grande Condé dizia que para concluir-se a guerra no mais breve espaço de tempo, erão necessárias duas coisas: homens e dinheiro; e o Sr José Luiz Alves, negociante de grosso trato n'esta praça, comprehendeu perfeitamente o axioma de Condé; comprando e libertando um escravo, offerecendo-o para marchar para o theatro da guerra, pagou-lhe adiantado um anno de fardamento, soldo e etapa. Assim, praticou elle um acto de patriotismo, diminuio o numero de escravos e augmentou o dos soldados. Parabens ao honrado fluminense. Honra a elle e a todos os que seguem tão nobre exemplo!

Patriotismo do senhor de escravos. Semana Ilustrada, 11 de novembro de 1866.

Patriotismo do senhor de escravos, Semana Illustrada, 11 de novembro de 1866. http://confrariadospoetasdejaguarao.blogspot.com.br/

53 E para muitos deles – pelo menos aqueles que sobreviveram – o retorno da guerra foi difícil, eles obviamente não desejavam voltar para a fazenda (Figura 17) e os seus abusos. Muitos deles se estabeleceram no final da guerra no Rio de Janeiro, ocupando o Morro da Favela, cujo nome tornou-se sinônimo de moradia precária.

Figura 17 A difícil volta dos escravos após a guerra

Ricardo Salles, *Guerra do Paraguai, Memórias e imagens*, Biblioteca nacional 2003

54 Para este recrutamento tinha sido necessário que o governo desse o exemplo e forçasse um pouco a mão dos donos de escravos, relutantes em doar para a defesa da Pátria:

> "Sobre o número desses soldados improvisados, 344 eram de propriedade do Estado ou da Coroa, 76 foram oferecidos em contribuição à guerra por vários conventos de beneditinos e carmelitas, 524 substituíram membros da Guarda Nacional designados para o serviço e apenas 770 foram oferecidos gratuitamente à Nação por proprietários isolados. Não sendo suficientemente pagos pelos títulos honoríficos e condecorações dos quais o poder é tão pródigo no Brasil, os produtores mostraram-se relutantes em oferecer generosamente a sua propriedade viva, e para obter o contingente necessário, o governo deve recorrer a empresários que compraram na fazendas grupos de escravos logo depois transformados em regimentos de patriotas, o governo deve recorrer a empresários que compraram na plantações grupos de escravos logo depois transformados em regimentos de patriotas" (pp. 940-941).

55 *In fine*, Reclus reconhece a eficácia militar destas medidas, mas sublinha o seu custo moral e político:

> "Através de todos esses meios, de moralidade mais que duvidosa, cujo resultado deve ser de introduzir no exército elementos de indisciplina e de dissolução, as perdas sofridas pelas forças brasileiras foram amplamente compensadas durante os oito meses após o desastre de Curupaiti" (p. 941).

Pronósticos

56 Com base nestas análises – e das suas óbvias simpatias e antipatias – Reclus arrisca prognósticos, dos quais alguns mais tarde se revelaram errados. Todavia criticar Reclus

que escreve no calor do momento é fácil quando se tem a grande vantagem sobre ele de saber o fim da história. Outros foram não apenas justos, mas quase proféticos. Se pode sorrir ao ler a pergunta ”Depois de ter sido por um longo período a glória e a esperança do Brasil [a sua frota] será destinada a transportar um dia para o Rio de Janeiro a bandeira do Paraguai? “ (p. 948). A idéia parece estranha hoje, mas devemos lembrar a marcha triunfal dos exércitos franceses em toda a Europa após Valmy para entender o que Reclus imagina quando ele escreve:

> “Se ele for bem-sucedido para terminar em triunfo esta guerra, e se a sua vitória faz dele o árbitro dos destinos da Plata, os soldados que ajudaram a defender o solo paraguaio podem seguir como conquistadores nas terras de seus vizinhos. Há uma séria ameaça para o equilíbrio das nações do Rio da Plata, mas essas nações criaram elas mesmas esse perigo por seu tratado desastroso com o Império do Brasil” (p. 958).

57 Parece que ele tinha em mente o destino de reis e príncipes que acreditavam triunfar facilmente dos exércitos de plebeus da Convenção. Outra hipótese plausível que não foi confirmada, a de uma vitória de Pirro brasileira, paga por uma ocupação cara e a revolta de todos os vizinhos de língua espanhola:

> “Mesmo se o Marquês de Caxias tiver êxito na conquista de Humayta, mesmo entrando vitoriosamente em Assunção, o império ainda seria obrigado a manter um forte exército no Paraguai e nas repúblicas da Plata, para não perder um dia os frutos de todas as suas Orientais [Uruguaios] que os Brasileiros teriam de comprimir pela força, e esta árdua tarefa não pode deixar, mais cedo ou mais tarde, de esgotar completamente a nação” (p. 964).

58 Na verdade Paraguai terminou a guerra tão esgotado que não foi necessário ocupá-lo e as nações vizinhas preferiram compartilhar seus despojos com o Brasil a se rebelar contra ele. Mas era impossível prever em 1867, quando os Aliados estavam em tão lamentável situação.

59 Curiosamente, Reclus antecipa – mesmo julgando a sua realização improvável, mas com o cuidado de uma fórmula conclusiva prudente – o movimento pelo qual os Aliados prevaleceram no ano seguinte, tomando Humaitá:

> “Nada sério poderá ser tentado pelos brasileiros contra o quadrilátero inimigo até tê-lo investido, até que tenham estendido suas linhas do rio Paraná ao Rio Paraguai em um semicírculo de mais de 40 km. Mas se eles já tiveram tanta dificuldade para manter seus dois acampamentos de Tuyucué e Tuyuti, é provável que, mesmo dobrando o seu exército, um dia possam se instalar ao norte de Humayta de forma segura, e fincar uma posição na margem esquerda do rio Paraguai tomando a fortaleza de Tayi, localizado em uma curva do rio, ao sul da cidade de Pilar? Isto é o que o futuro nos dirá” (p. 953).

60 O resto da guerra, depois da queda de Humaitá e de Assunção, que a seguiu, consistiu principalmente em perseguir o Marechal Lopez, que tinha fugido, e foi conduzido pelo Conde d'Eu, genro do imperador (e filho do ex-rei da França Louis-Philippe), que é visto na figura 18 cercado por oficiais brasileiros.

Figura 18 O conde d'Eu, genro do Imperador, no Paraguai

Fotógrafo Dietze, Albert Richard (Auge da atividade em 1869), http://en.wikipedia.org/wiki/File:Conde_d_Eu_visconde_do_rio_branco_1870.jpg

61 Mas esta imagem, que parece ser o triunfo do regime e da dinastia, de fato anuncia – como sabemos a posteriori – a queda próxima. Porque, se a conduta da guerra não seguiu exatamente o curso previsto por Reclus, no longo prazo ele esteve totalmente certo, antecipando desenvolvimentos que ocorreriam mais de vinte anos mais tarde. Enquanto o problema parecia militar, reunir tropas suficientes para preencher as lacunas e tomar a ofensiva, ele presentiu que a solução encontrada para resolver esta dificuldade tática seria a perda estratégica do regime imperial brasileiro:

> "No entanto, as enormes dificuldades externas contra as quais luta o império devem ser vistas como poucas em comparação com os infortúnios que o ameaçam enquanto dura a escravidão, e que com certeza não deixarão de abraçá-lo um dia "(p. 964))

Figura Caixa de charutos celebrando a queda de Humaitá

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:R%C3%B3tulo_de_cigarro._Ao_Bravo_da_Passagem_de_Humait%C3%A1,_Cigarros_a_Maurity.JPG

62 Na verdade, a emancipação dos escravos como soldados abriu uma brecha em um dos principais pilares de poder econômico e político e do sistema, e era legítimo – e clarividente – perguntar:

> ”Seria contrário às leis da história pensar que a emancipação dos trabalhadores ainda escravos no Brasil, devido às consequências da guerra do Paraguai, será fatal para a atual forma de governo?“ (p. 985).

63 Assim, a mudança do sistema escravista e imperial que Reclus vê além das escaramuças no Paraná, além dos horrores de uma guerra malconduzida, e o futuro que ele vê tomando forma – com otimismo, com voluntarismo – é aquele que se realizou em 1888-1889, com a queda do Império que seguiu a abolição da escravatura:

> “Sem medo de errar, podemos dizer com antecedência que, voluntariamente ou por força, os escravos do Brasil serão um dia, próximo, cidadãos, ao lado de seus antigos senhores. Os proprietários unidos para conservar seus escravos gritam com horror que o Império não pode deixar de sucumbir com a servidão, e seus temores não são infundados. A cada estado social corresponde uma forma política particular. No Brasil e em Cuba, os dois únicos países da América Latina onde ainda prevalecem instituições monárquicas importados do Velho Mundo, essas instituições estão associadas com a escravidão, e não é por acaso. Em um contraste mais marcante, a emancipação dos negros tornou-se nas repúblicas espanholas o complemento essencial da revolução política inaugurada em 1810” (p. 985).

Figura 20 Queda do Império e proclamação da República

Benedito Calixto Benedito Calixto (1853–1927), Pinacoteca Municipal de São Paulo
https://en.wikipedia.org/wiki/File:Proclama%C3%A7%C3%A3o_da_Rep%C3%BAblica_by_Benedito_Calixto_1893.jpg

64 Foram precisamente os oficiais do exército forjado pela Guerra do Paraguai, nas dificuldades de uma campanha mal iniciada, que acabou por derrubar o Império e instalar uma república pouco democrática, todavia mais de acordo com as idéias registradas na bandeira nacional com o lema, inspirado por Auguste Comte, "Ordem e Progresso"[2].

Conclusão

65 Cento e quarenta e cinco anos depois do fim do conflito, quais os traços que ele deixou? No Brasil a sua memória é pouco visível, embora tenha sido o único conflito armado em que o país participou fora das suas fronteiras, além do envio de um contingente equipado e controlado pelos Estados Unidos, à Segunda Guerra Mundial (na frente italiana). Algumas ruas foram nomeadas "Voluntários da Pátria" em homenagem aos combatentes brasileiros nesta guerra, e um monumento erguido em Florianópolis, em 1877. No Rio de Janeiro o Centro de formação dos soldados da Polícia militar é denominado de Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças 31º de Voluntários. Uma igreja de Salvador e um município amazônico, nas margens do Madeira, bem longe do Paraná, foram batizados Humaitá.

66 No Paraguai, a tragédia que foi a derrota contra os aliados e principalmente as enormes perdas da guerra são sempre lembradas como a principal causa de atraso no desenvolvimento, semelhante ao que foi para a Bolívia perda de acesso ao mar durante a Guerra do Pacífico. No centro da cidade de Assunção, o Panteão do Heróis abriga os restos mortais do marechal Solano Lopez e recebe todos os anos uma homenagem solene. A guerra também ajudou a ancorar no Paraguai uma desconfiança significativa contra os brasileiros, que ainda se manifestou contra os brasiguaios (brasileiros estabelecidos no

Paraguai), e também nas negociações difíceis para o aumento do preço da eletricidade de Itaipu, vendidos ao Brasil.

Figura 21 Lembranças da guerra

De esquerda para a direita e de cima para baixo: Placa de homenagem aos voluntários catarinenses em Florianópolis. Igreja de Humaitá, Salvador, BA. Troféu de guerra devolvido pelo Brasil ao Paraguai. Humaitá, cidade fluvial no Amazonas.

H.Théry 2011. http://noitevsdia.blogspot.com.br/2010_04_01_archive.html. http://www.forte.jor.br/2010/03/07/brasil-devolvera-ao-paraguai-enorme-trofeu-de-guerra/. H.Théry 2005.

67 Dentre os traços que este conflito deixou, visualizamos no campo das relações diplomáticas na América do Sul, no final do século XIX, e ainda no âmbito do texto de Reclus, o pensamento de um outro intelectual argentino com quem Reclus se relacionava, Juan Bautista Alberdi, autor em 1864 de um livreto em francês,"Projet de reconstruction dynastique et territoriale de l'Empire du Brésil", no folheto *El Crimen de guerra* (1869). Os questionamentos de Reclus e de Alberdi coincidem sobre a desconfiança que ambos têm em relação ao Império do Brasil, e principalmente também sobre a ideia de que um Estado procede de um povo, não o inverso. O Brasil, espacialmente desintegrado e cuja população é heterogênea, não parece à Reclus ser uma nação, ao contrário do povo paraguaio, que tem a unidade "Hispano-Guarani". Para os intelectuais progressistas que foram Alberdi e Reclus, é a partir dessas unidades nacionais pré-existentes que seriam construídas os Estados, não o inverso. Mas essa guerra teve precisamente o efeito de inverter a ordem dos fatores, fazendo-a um poderoso instrumento simbólico da integração nacional em volta do Estado, autoritário. Além dos prognósticos sobre um conflito incerto, esses autores em seus textos ilustram duas visões da relação entre o Estado, a Nação e o Território que até então se opunham na América do Sul

BIBLIOGRAFIA

Boidin, C., 2005, « Paraguay : bibliographie choisie », Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Online since 09 February 2005, URL : http://nuevomundo.revues.org/559 ; DOI : 10.4000/nuevomundo.559

Capdevila, L., 2007, *Une guerre totale. Paraguay, 1864-1870. Essai d'histoire du temps présent*, Presse universitaire de Rennes.

Doratioto, F., 2002, *Maldita guerra*. São Paulo: Companhia das Letras

Doratioto, F., *O conflito com o Paraguai: a grande guerra do Brasil*. São Paulo, Editora Ática, 1996

Les Guerres du Paraguay aux XIXe et XXe siècles, 2007, Actes du Colloque international Le Paraguay à l'ombre de ses guerres, acteurs, pouvoirs et représentations, Paris, 17-19 novembre 2005 ; CoLibris éditions

Pomer, L., 2008, *La guerra del Paraguay. Estudio sobre las causas y las consecuencias de la Guerra del Paraguay*, Ediciones Colihue, Buenos Aires.

Sampayo, C., Zarate, O., *Paraguay : chronique d'une extermination*, Milan, Quadragono, 1980

Taunay, A. de, 1871, *La Retraite de Laguna*, re-publicado em 1995, Éditions Phébus, Paris.

Zenequelli, L. 1997, *Crónica de una guerra, La Triple Alianza*, Buenos Aires: Ediciones Dunken.

NOTAS

1. Vejam a *Revue* de l5 outubro I866. Vejam também, no número de l5 setembro 1866, *La Guerre du Paraguay et les institutions des États de la Plata*, pelo Sr. Duchesne de Bellecour
2. Pelo menos em parte porque a frase completa era "Amor como princípio, ordem como base, progresso como objetivo"

RESUMOS

Lendo o artigo de Élisée Reclus "A Guerra do Paraguai", que ele publicou na *Revue des Deux Mondes* no dia 15 de dezembro de 1867, mostra-se que apesar de sua vista a priori favorável ao Paraguai (que ele compara a França revolucionária)ele faz uma análise penetrante de relações de poder entre os beligerantes e antecipa as consequências do conflito.

La lecture de l'article d'Élisée Reclus « La guerre du Paraguay », qu'il publia dans la *Revue des Deux Mondes* le 15 décembre 1867, montre que malgré son point de vue a priori favorable au Paraguay (qu'il compare à la France révolutionnaire) il fait une analyse pénétrante des rapports de force entre les belligérants et anticipe les conséquences du conflit.

Leyendo el artículo de Élisée Reclus "La Guerra del Paraguay", que publicó en la *Revue des Deux Mondes* 15 de diciembre 1867, muestra-se que a pesar de su opinión a priori a favor de Paraguay (que compara a Francia revolucionaria) hace un penetrante análisis de las relaciones de poder entre los beligerantes y se anticipa a las consecuencias del conflicto.

Reading the article by Èlisée Reclus "The Paraguayan War", which he published in the *Revue des Deux Mondes* December 15, 1867, shows that despite its a priori view favorable to Paraguay (compared by him to revolutionary France) makes a penetrating analysis of power relations between the belligerents and anticipates the consequences of the conflict.

ÍNDICE

Mots-clés: Élisée Reclus, guerre du Paraguay, rapports de force
Índice cronológico: 1864-1870
Índice geográfico: Paraguai
Keywords: Élisée Reclus, Paraguay War, balance of power
Palavras-chave: Élisée Reclus, guerra do Paraguai, relações de força
Palabras claves: Élisée Reclus, guerra del Paraguay, equilibrio del poder

AUTORES

HERVÉ THÉRY

SÉBASTIEN VELUT